

A RUPTURA EPISTEMOLÓGICA ENTRE PSICANÁLISE E CIÊNCIAS HUMANAS NO QUADRO DA MODERNIDADE BIOLÓGICA

Cláudia Henschel de Lima

Professora do Departamento de Psicologia/UFF

Pós Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Psicanálise/UERJ

claudiahlima@yahoo.com.br

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O tema proposto neste trabalho integra uma das linhas de pesquisa do Laboratório de Investigação das Psicopatologias Contemporâneas (LAPSICON), sediado na UFF-PUVR e cujo título é Psicanálise e Psiquiatria. Nela investiga-se a direção de tratamento das psicopatologias impressa pela psiquiatria biológica e o posicionamento crítico da psicanálise a partir de sua fundamentação no diagnóstico diferencial entre neurose e psicose. Neste trabalho, pretende-se analisar criticamente os fundamentos epistemológicos das ciências humanas na passagem do século XIX para o século XX, denominada criticamente por Michel Foucault (1985) de *modernidade biológica*, a partir das seguintes hipóteses:

1. a psicologia, com a finalidade de sustentar seu estatuto de ciência no quadro positivista do pensamento científico do século XIX, converteu a problemática ética sobre as relações entre o pensamento e a experiência subjetiva em um problema de pesquisa, referente a determinação de leis explicativas sobre o funcionamento psíquico ancoradas no modelo biológico;
2. a psicologia, nesta redução da temática ética à um problema de pesquisa científica, adotou o postulado do realismo psicológico para a definição do conceito de sujeito convertendo-o em uma variável dependente do funcionamento biológico;
3. a fundação da psicanálise, a partir da elaboração do conceito de inconsciente na passagem do século XIX para o século XX e, posteriormente, a partir dos anos cinqüenta, com o retorno de Lacan à Freud e a elaboração do conceito de sujeito, rompeu com o projeto cientificista de determinar a causalidade biológica da experiência subjetiva.

2. O QUADRO EPISTEMOLÓGICO DE CONSTITUIÇÃO DA PSICOLOGIA

A expansão de um modelo explicativo sobre o funcionamento mental na história da psicologia e a integração do método experimental à metodologia de pesquisa tem seu marco no século XIX, quando as primeiras pesquisas localizacionistas sobre as faculdades mentais e a

investigação dos processos sensoriais em fisiologia, ofereceram à psicologia experimental o modelo de investigação da estrutura do funcionamento psíquico. Assim, recorrendo à pesquisa fisiológica e, em seguida, às noções biológicas de hereditariedade e adaptação, bem como ao método experimental, a psicologia encontrou nas ciências da vida o modelo para uma investigação científica do fato mental e, nas ciências da natureza, o cumprimento das exigências positivistas de objetividade e quantificação.

Robert Blanché (1935) analisou os fundamentos epistemológicos da psicologia, por meio do avanço da psicofísica no início do século XX. O autor localizara nesta “física do espírito” (BLANCHÉ, 1935) a evidência de que o projeto de fundar uma ciência do fato mental era inseparável do postulado do realismo psicológico ao preço da redução da experiência psicológica às sensações e da formulação de que o psiquismo é uma realidade que funciona de acordo com suas leis. Esse postulado foi criticamente elaborado por Blanché (1935) para:

1. Designar a relação de analogia entre a investigação científica do fato físico, conduzida pelas ciências da natureza, e a investigação do psiquismo, estando na base da adoção pela psicologia dos estudos que correlacionam fato mental e atividade cerebral, e da pesquisa sobre a hereditariedade da conduta, que confere base física ao estudo da mente.
2. Diagnosticar o erro epistemológico cometido pela psicologia que, em nome do projeto positivista de constituição de uma ciência da razão, considerou o psiquismo como uma realidade e equacionável à realidade física.

Esse posicionamento crítico com relação a psicologia, encontrara eco em outras referências clássicas no âmbito da reflexão epistemológica sobre a psicologia. O mesmo erro epistemológico, diagnosticado por Blanché (1935), é apontado por Milner (1968), ao denunciar que a psicologia experimental se desenvolve em um mundo onde a verdade só pode falar do lado das coisas. Na mesma época, Canguilhem (1966) esclarece que a psicologia, se constitui, no século XIX, como disciplina do comportamento humano com o objetivo de determinar quantitativamente a capacidade técnica do indivíduo - em um contexto de época em que se articulam, de um lado, o modelo biológico organizado na forma de uma teoria geral das relações entre organismo vivo e meio e, de outro, uma ideologia dos valores da sociedade industrial direcionada para a abordagem instrumental das habilidades humanas. Da mesma forma, Lacan (1998) analisa criticamente a constituição da psicologia e acaba por isolar seu erro epistemológico no ponto em que converte o psiquismo em um fato, localizando nas entranhas do funcionamento cerebral sua causalidade empírica e o segredo de seu déficit: “(...)devem explicar-se por algum determinismo estranho à sua ‘aparência’ e chamado de ‘orgânico’, por reduzi-los quer ao suporte de um objeto físico, quer à relação de um fim biológico”. (LACAN, 1998, p. 82).

Tais considerações certificam a consolidação do modelo biológico, na psicologia, e sua aplicação na pesquisa sobre o psiquismo, exprimindo a sutura do saber científico como requisito indispensável para a consolidação de seu projeto epistemológico de constituir uma ciência da razão no final do século XIX.

O avanço do discurso científico no século XIX, sobre a consideração do homem moderno como ser vivo submetido à leis biológicas explicou, portanto, a constituição de uma psicologia científica pautada no erro epistemológico que converteu o psiquismo em fato e, conseqüentemente, a própria temática ética da experiência subjetiva em um problema científico de determinação de leis explicativas sobre o funcionamento psíquico. No entanto, há ainda outro aspecto à ser abordado e de igual relevância para a análise da *epistémè* que se configura na passagem do século XIX para o século XX e cujo produto final é o homem moderno: a relação entre o modelo biológico e as estratégias políticas, entre a transformação da vida em objeto do saber e os procedimentos de mensuração que são típicos das estratégias de poder. É Michel Foucault (1985) quem formaliza esta relação denominando-a de modernidade biológica. Assim, em relação ao final do século XIX, a análise biopolítica conduzida por Michel Foucault (1985), revela um diagnóstico similar ao de Canguilhem (1966) ao sustentar que a formação do saber biológico é inseparável da biopolítica, ou seja, da intervenção crescente do Estado na disciplinarização dos corpos por meio do procedimento de medida e avaliação do comportamento. É neste quadro, de conjunção entre saber e poder, que a medicina e as ciências humanas se apresentam como disciplinas científicas sobre o normal e o patológico. No caso específico da psicologia, esta é localizada - junto com a demografia, a estatística, a criminologia e a higiene social - no âmbito inicial das instituições disciplinares (hospitais, prisões, administrações) evidenciando a inseparabilidade entre a constituição das ciências humanas e as tecnologias de saber-poder investidas nessas instituições. Outro exemplo dessa inseparabilidade advém do saber médico que, no século XIX, elaborara uma teoria orgânica da doença para explicar a causalidade de um conjunto de condutas socialmente indesejáveis para a época: o alcoolismo, o sentimento de tristeza ou melancolia, a infância problemática e a violência (CAPONI, 2007). Nesse contexto, a elaboração por Pinel da hipótese da herança como causa da loucura e a transformação dessas condutas em objeto da intervenção higienista e da Medicina Legal (CAPONI, 2007; COSTA, 2007), representaram não só a consolidação do modelo biológico e do postulado do realismo psicológico na explicação biológica das psicopatologias - para além da psicologia experimental - mas sua inserção em estratégias biopolíticas.

Essa forma de entender a organização das ciências humanas e do saber médico em torno da biopolítica contraria a idéia comumente defendida, de que o avanço tecnológico da medicina e da psicologia explica o progresso no conhecimento, no tratamento e no controle das doenças orgânicas e das psicopatologias. Ao contrário, a fundação das ciências clínicas do sujeito - com seu

procedimento de observação, descrição e classificação, que esgota as características externas das doenças - é correlata à expansão e sofisticação de técnicas disciplinares de observação e exame do organismo.

No final do século XIX, essa objetivação produzida pela conjunção saber-poder, se manifestou pela atividade de recenseamento das populações de acordo com a raça e a classe social, com a finalidade prevenir a deterioração racial supostamente decorrente do degenerado hereditário e de medicalizar a loucura. A partir daí é possível, então, pensar que a presença do postulado do realismo psicológico (BLANCHÉ, 1935), é inseparável da articulação entre as ciências humanas e:

1. A adoção do determinismo biológico para a explicação do psiquismo.
2. O cientificismo, que localiza no déficit no funcionamento biológico, a explicação sobre a causalidade do sintoma.
3. A exigência de qualificação do psiquismo e de proteção da sociedade contra a irrupção da loucura.

3. O ENSINO DE LACAN E A RUPTURA COM O MODELO BIOLÓGICO

Os anos 50 representaram um momento importante de reestruturação dos fundamentos da clínica psiquiátrica, a partir da expansão da tecnologia de síntese de psicotrópicos, com a descoberta da Clorpromazina e da Imipramina. Eles se constituem como modelo da série dos antipsicóticos e antidepressivos em um período de época, entre as edições do DSM-II e do DSM-III, em que ainda vigorava o fundamento psicodinâmico da clínica psicopatológica. Essa expansão tecnológica da medicação é solidária da ascensão do modelo biológico de regulação do comportamento na clínica psiquiátrica, da elaboração de uma taxonomia pluralizada das psicopatologias a partir de um modelo geral de regulação bioquímica do comportamento, e da organização da direção de tratamento das psicopatologias em torno da medicalização do psiquismo.

A distinção feita por Lacan em seu ensino, entre a estrutura do saber científico e o impacto da difusão desse saber no mundo ganha relevância neste contexto, denunciando a presença de uma divisão no ponto em que o saber científico insiste em suturá-la. Assim, a partir da perspectiva da teoria dos discursos – e, mais especificamente, a partir da análise da posição do sujeito no discurso universitário (LACAN, 2008) - constata-se a seguinte divisão do sujeito da ciência: se, por um lado, ele possui o controle efetivo dos procedimentos imanentes à condução de sua pesquisa e detém um saber especializado, por outro, desconhece seus determinantes e os efeitos de sua produção.

Sua análise conduz a pensar que o apelo à neutralidade científica é um sintoma deste ponto de ignorância que habita o sujeito em função da sutura de sua divisão: onde se apela para a

exterioridade entre sujeito da ciência e seu objeto, é onde se ancora o não-saber do cientista sobre os efeitos da ciência. Isso se aplica à interrogação sobre o vivo conduzida pela medicina. Submetida ao modelo biológico, ela padece desse ponto de ignorância que, ao contaminar o médico, produz nele o desconhecimento quanto às conseqüências do avanço do saber biológico sobre sua conduta ética.

Essa consideração sobre a medicina remonta à passagem de *Formulações sobre a Causalidade Psíquica*, onde Lacan (1998) analisa, no contexto pós-Guerra, a diretriz biológica de época para a compreensão da loucura. O autor se refere explicitamente ao modelo organicista para a investigação da loucura, elaborado por Henry Ey. Seu argumento é que tal diretriz compromete a especificidade da pesquisa sobre a loucura - objeto de investigação e intervenção clínica por parte da psiquiatria – na medida em que se afasta de uma orientação epistemológica pautada na racionalidade dos conceitos norteadores da prática clínica. De fato, ao mostrar como o organodinamismo localizou em uma escala comum os transtornos psiquiátricos e os transtornos neurológicos, Lacan (1998) critica tal posicionamento assinalando a redução do diagnóstico diferencial em psiquiatria à um critério meramente arquitetônico: ou o portão do asilo ou o hospital. E denuncia a ocorrência do mesmo erro epistemológico denunciado por Blanché (1935) a respeito da psicologia. A partir deste posicionamento crítico, Lacan (1998) enuncia a especificidade da experiência da loucura para a psicanálise sustentando, no avesso do modelo biológico e na contramão do erro epistemológico, que as alucinações, intuições, o sentimento de exterioridade radical, a produção delirante, integram uma experiência integralmente vivida no plano da linguagem (LACAN, 1998).

Essa argumentação crítica continua em *O Lugar da Psicanálise na Medicina*, onde Lacan (2001) localiza nos seguintes termos a ocorrência de uma crise ética na medicina: a posição do médico se converte na posição do especialista que detém um saber especializado sobre o organismo e suprime deste saber, toda e qualquer consideração sobre a determinação da experiência subjetiva pela linguagem. Essa questão é extensamente analisada por Lacan (1998) em *A Ciência e a Verdade*. Analisando a constituição das ciências humanas, o autor não recua em afirmar novamente sua crítica, localizando o fundamento epistemológico das ciências humanas na reificação do homem através do determinismo biológico, do esquecimento de sua determinação dialética e de sua redução à objeto da quantificação matemática. Sendo assim, seguindo a mesma linha da argumentação crítica de Blanché (1935), Canguilhem (1966) e Milner (1968), Lacan (1998) se refere especificamente à psicologia sustentando que ao recorrer ao modelo biológico e delimitar sua metodologia em torno da experimentação, o domínio da investigação psicológica exclui de seu domínio de investigação a fuga do sentido, o ato falho e o sintoma em nome de uma teoria geral do erro como déficit do funcionamento cerebral. Dessa forma, a investigação psicológica suprime, segundo Lacan (1998) o que Freud definira como sendo o estatuto do psiquismo como falta

constitutiva: “Mas tudo tem de ser pago de uma maneira ou de outra, e, esse sucesso é alcançado ao preço de uma fenda no eu, a qual nunca se cura, mas aumenta à medida que o tempo passa.” (FREUD, 1976b, p. 309)

A partir do que foi desenvolvido ao longo deste trabalho, é possível pensar que a exclusão psicológica da falta originária e da pulsão de morte evidencia a presença do postulado do realismo psicológico (BLANCHÉ, 1935), pela redução do psiquismo à um conjunto de processos (percepção, pensamento, linguagem, inteligência), cujo correlato é localizável em áreas específicas da atividade neural. Mas evidencia, principalmente, a presença do viés biopolítico das ciências humanas na contemporaneidade, que recusa a especificidade da experiência subjetiva em nome:

1. Da exigência, no campo da psicologia, de objetividade no estudo do psiquismo.
2. Da elaboração, no campo da psiquiatria, de um modelo explicativo das psicopatologias fundamentado na neurofisiologia e solidário da tecnologia de síntese de medicamentos.

É fato que Freud (1976a) já se insurgira contra os analistas que idealizavam a publicação de seus êxitos terapêuticos temendo, com isso, associar a psicanálise às exigências biopolíticas de readaptar o sujeito ao meio adverso da guerra. Sustentar a dimensão ética da experiência subjetiva implica em se contrapor à modernidade biológica e à romper epistemologicamente com o empuxo biopolítico para a mensuração das habilidades humanas (CANGUILHEM, 1966), e que motiva por sua vez o erro epistemológico subjacente ao postulado do realismo psicológico. É nesse sentido que o axioma *o sujeito sobre o qual a psicanálise opera é o sujeito da ciência* (LACAN, 1998, p. 873) localiza a subversão do sujeito no ponto em que o sujeito da ciência resulta da sutura do ponto de fuga de sentido, da divisão constitutiva, reivindicando para isso a explicação biológica que sujeita o funcionamento do psiquismo à padrões de atividade neural.

Sendo assim, o ensino de Lacan assumiu uma direção distinta do vetor biológico da modernidade, desde o momento em que recorreu à lógica do significante para formalizar o inconsciente freudiano, até o momento mais radical, em que defenderá um real próprio à psicanálise, resistente aos procedimentos de quantificação do saber científico e, portanto, irreduzível à uma norma proposta pelo modelo biológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLANCHÉ, R. *La Notion du Fait Psychique*. Paris: Felix Alcan, 1985.
- CANGUILHEM, G. Qu'est-ce que la Psychologie? *Cahiers pour l'Analyse*, 1/ 2, p.77-86, 1966.
- CAPONI, S. Da Herança à Localização Cerebral: Sobre o Determinismo Biológico das Condutas Indesejadas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 17 (2), p. 343-352, 2007.
- COSTA, J.F. *História da Psiquiatria no Brasil: Um Corte Epistemológico*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber** 8 ed. Rio de Janeiro: Ed.Graal, 1985. Trad. M. H. Costa Albuquerque e J. Guilhaon Albuquerque.

FREUD, S. Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise. In _____ Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976a. Vol. XVII, p. 171-183.

FREUD, S. A Divisão do Ego no Processo de Defesa. In _____ Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976b. Vol. XXIII, p. 309-313.

LACAN, J. Formulações sobre a Causalidade Psíquica. In _____. Escritos. Trad. Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.170-176.

LACAN, J. A Ciência e a Verdade. In _____. Escritos. Trad. Antonio Quinet Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 869-892.

LACAN, J. **O Lugar da Psicanálise na Medicina**. Opção Lacaniana, n.32, p.8-14, Dez. 2001.

LACAN, J. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MILNER, J-C. Que é a Psicologia?. In **PRADO COELHO, E. Estruturalismo. Antologia de Textos Teóricos**. Portugal: Ed. Portugália, 1968. p. 225-227.